

## VICENTE FERREIRA DA SILVA



Vilém Flusser  
(Do IBE de São Paulo)

A morte de Vicente Ferreira da Silva é um golpe vibrado pelo destino contra o pensamento brasileiro. O presente artigo é uma tentativa de contribuir para a apreciação de sua mensagem pelo público culto. O ensinamento ferreiriano aponta picos da especulação filosófica que são difíceis para quem, como quem escreve estas linhas, não tem a vivência imediata das premissas das quais Ferreira da Silva parte. Entretanto, o esforço de acompanhá-lo em sua subida rumo a êstes picos é promissor, já que no caminho surge uma visão da paisagem da atualidade, uma visão que podemos chamar de autenticamente brasileira. Ferreira da Silva é um filósofo brasileiro e com êle, embora pessoalmente ausente, o Brasil tomará parte na discussão filosófica ocidental com voz independente. Para apreciar a sua mensagem esqueçamos os chavões do gigante que desperta e do subdesenvolvimento a ser superado, e lancemos um olhar sôbre a cena brasileira, tal como ela se apresenta no conjunto da civilização ocidental. É uma cena *sui generis*. Uma fusão de elementos alhures incompatíveis está-se processando neste País, que promete ser criador de novos valores. Dessa fusão participam, com ênfase maior e menor, praticamente todos os povos europeus, um forte substrato negro que é aceito pelas elites com um mínimo de preconceitos, os povos do Extremo Oriente com parcela sempre crescente — e um leve aroma da população indígena exterminada paira sôbre êste processo todo. O resultado é uma sociedade em

7

formação, de caráter ostensivamente católico e latino, mas fundamentalmente influenciado pela magia africana e modulado pela estética oriental, uma sociedade faminta de realizações que articulem a nova personalidade que surge. Essas realizações começam a sair do terreno do possível e irrompem dramaticamente para dentro do território da realidade. Irrompem em forma de música, na qual o ritmo africano se casa com a tradição europeia. Irrompem em forma de pintura, na qual a cor brilhante tropical se casa com a visão estética oriental e o rigor formal europeu. Irrompem na forma da poesia e do romance, de maneira mais dificilmente analisável, já que muito mais cerebral. E começam a irromper na forma do pensamento abstrato, pensamento êste que deve servir, futuramente, de sistema de referência a tôdas as demais atividades criadoras. O pensamento ferreiriano é uma das fontes das quais êsse sistema brota.

Exporei êsse pensamento em base dos seguintes trabalhos: "Instrumentos, coisas e cultura" (*Revista Brasileira de Filosofia*), "A natureza do simbolismo" (*Revista Brasileira de Filosofia*), "Floresta Sombria" (*Diálogo*) e "Teologia e Anti-humanismo", e em base, também, de inúmeras discussões pessoais. Parte da seguinte premissa: Todo (ou praticamente todo) pensamento filosófico ocidental está viciado por um ódio fundamental à natureza. Êsse ódio tem sua origem nas religiões bíblicas e no orfismo. Êstes estabelecem uma ordem espiritual, sobrenatural, em oposição violenta à natureza como conjunto de presenças divinas, isto é, em oposição violenta ao paganismo. A história do Ocidente é a realização progressiva dêsse ódio, o que Nietzsche chama de "nihilismo platônico". É a progressiva profanação da natureza. Em seu ódio à natureza, em seu esforço de humilhá-la, o homem ocidental se afasta dela e se opõe a ela. Assume, nesse alheamento, a posição de observador. Torna-se sujeito, cujo objeto é a natureza. A objetivização do mundo da natureza, em oposição à subjetivização do mundo sobrenatural ("espiritual") tem por consequência a transformação da natureza em conjunto de objetos definidos ou definíveis. A natureza se transforma em sistema de coisas, cada qual com seu lugar fixo. A natureza fica paralisada nesse sistema. Torna-se manipulável. As coisas da natureza, humilhadas e enquadradas no sistema, tornam-se acessíveis ao trabalho manipulador do "espírito", dêsse sujeito sobrenatural da natureza. As coisas podem ser transformadas em instrumentos. Impelido pelo ódio à natureza, o homem oci-

dental a manipula, transformando-a em conjunto de instrumentos, em parque industrial. A história do Ocidente é a progressiva substituição das "coisas" da natureza por instrumentos que são produtos do trabalho manipulador do espírito sobrenatural. A natureza fica aniquilada.

A festa pagã, fundamento de toda civilização, é uma orgia na qual o homem se confunde com a natureza. A civilização ocidental acaba com essa festa. O judaísmo, esse primeiro passo, a proíbe. O orfismo a intelectualiza. O cristianismo, essa fusão das duas tendências anti-pagãs, a abandona com desprezo, já que o seu reino não é desta Terra. O Cristo é a superação e a humilhação da natureza pelo Deus-Homem. O puritanismo, com sua mortificação da carne, é o cristianismo radicalizado. Com efeito, é nos países puritanos que surge a industrialização, essa mortificação da natureza. A industrialização é a realização radical do cristianismo. Nela o espírito-sujeito (Cristo) subjuga e aniquila a natureza. As sociedades tecnológicas, e mais especialmente a União Soviética (já que professa a tecnologia conscientemente como alvo), são tentativas da realização total do cristianismo. A próxima vitória da tecnologia será o fim da história, como Hegel e Marx prevêem corretamente. A natureza totalmente profanada e subjugada não deixará margem a nenhum acontecimento novo. O homem, totalmente alienado da natureza, e tendo totalmente transformado as coisas em instrumentos, não terá mais assunto. A vida será esvaziada de aventura, de grandeza, de exuberância, do excelso. A noite cinzenta do nihilismo platônico encobrirá a humanidade num eterno retorno do sempre idêntico. O céu cristão terá se realizado sobre a terra.

Entretanto, o ódio fundamental do pensamento ocidental face à natureza não é uma "epifania do divino" autêntica. No pensamento ocidental não aparece o divino. O pensamento ocidental é fundamentalmente negativo, embora disfarce o seu ódio em "amor ao próximo". "Ser sujeito" não é uma forma autêntica de ser. É uma forma de negar e aniquilar o ser. É um alheamento, uma fuga. O pensamento ocidental e, em consequência toda história do Ocidente, é uma fuga à natureza.

Felizmente o Brasil não é totalmente ocidental. Foi cristianizado apenas superficialmente. Elementos pagãos (no sentido ferreiriano) se conservaram. Temos, no Brasil, elementos festivos, por exemplo o carnaval e o candomblé, nos quais o espírito não se subjetiviza, mas nos quais o homem

se funde com a natureza. Nessas festas pode readquirir a faculdade, perdida pelo Ocidente, do "pensamento simbólico". Esse pensamento não humilha a natureza, não a paralisa, não congela as coisas. Pelo contrário, libera as coisas do peso do pensamento manipulador. A natureza volta a ser uma manifestação múltipla do divino. Volta a ser presença do divino. As coisas deixam de ser fixas (conceitos), voltam a ser vagas, cada qual abrangendo todas as demais, voltam a ser símbolos. A terra deixa de ser aquele objeto fixo e manipulado pela geometria, para voltar a ser a deusa Gaia, de cujo colo materno, morno e escuro, surgimos, e a qual nos mantém com seu seio exuberante. A parreira deixa de ser uma planta a ser utilizada na indústria do vinho, mas volta a ser encarnação de Dionísio, com seu séquito enlouquecido de bacantes, do côro trágico, volta a ser a encarnação do sentido exuberante e estático da existência. Pois este é justamente o característico do símbolo: não ser unívoco, como o é o conceito rígido, mas ser uma sinopse de muitos aspectos. A natureza aceita como simbólica volta a ser a própria presença, a revelação simultânea dos múltiplos aspectos do divino. No Brasil, este tipo de pensamento simbólico é novamente possível, e Ferreira da Silva nos convida a dele participar.

Quem não sentirá o atrativo desse convite? Quem não lhe sentirá a beleza e sinceridade? Quem não se sentirá tentado a acompanhar o pensador em seu avanço rumo a visões apenas vislumbradas, como seja o surgir de uma civilização nova a superar autênticamente a tecnologia? Por certo, muitos são os argumentos que podemos mobilizar contra esta concepção do mundo em geral, do Ocidente em particular, e mais especialmente dos elementos que perfazem o Ocidente, como seja o cristianismo e a tecnologia. Podemos, por exemplo, negar que a tecnologia seja a realização total do cristianismo, pela simples razão de, sendo o cristianismo uma epifania autêntica, não admite realização total. Podemos argumentar que todo tipo de pensamento é negativo, e não somente o tipo ocidental, já que pensar é justamente "opor-se a algo". Podemos objetar que o pensamento simbólico advogado por Ferreira da Silva é um tipo de pensamento que terá grande dificuldade em passar pelo "test" dos logicistas simbólicos, já que será desvendado como sendo "insignificativo", isto é, vazio. Podemos, em suma, argumentar para salvar o intelecto em geral, e o intelecto ocidental em particular, do ataque formidável que Fer-

reira da Silva lhe move. Mas, fazendo isto, estaremos defendendo a tradição ocidental contra um ataque nôvo, um ataque brasileiro. É uma nova personalidade no cenário filosófico que se torna articulada com Ferreira da Silva. É uma voz com a qual deveremos contar no futuro. O destino estupidamente brutal não conseguirá sufocá-la, embora tenha conseguido interrompê-la no momento mais dramático do seu desenvolvimento.

## VICENTE FERREIRA DA SILVA

*Octávio de Faria*  
(Do Rio de Janeiro)

A propósito do recente desaparecimento de Vicente Ferreira da Silva (em consequência de triste desastre que ceifou sua preciosa existência, aos 47 anos de idade) foi Vilém Flusser quem pronunciou a palavra mais exata quando disse: "É uma voz com a qual deveremos contar no futuro. O destino estupidamente brutal não conseguirá sufocá-la, embora tenha conseguido interrompê-la no momento mais dramático do seu desenvolvimento."

Foi, sem dúvida alguma, uma perda irreparável para todos nós, que mesmo não o conhecendo pessoalmente, como eu, seguíamos de perto o desenvolvimento de seu espírito e não ignorávamos a importância do seu vulto como pensador. Mais ainda: era evidente, para os que acompanhavam seus escritos, que havia chegado ao momento de máximo esplendor de suas qualidades de pensador e de filósofo. Jamais a morte foi mais inoportuna, escolheu com mais impiedade o momento crucial para exercer sua ação ceifadora, cega e cruel. Tudo o que "caminhava" no espírito de Vicente Ferreira da Silva, o "esplendoroso" que seus últimos estudos indicava ou fazia pressentir, eis que tudo nos foi tirado abrupta e irrevogavelmente.

Bem o sei: muito vai ficar do seu pensamento e, felizmente, já se anuncia que seus estudos e artigos, separatas e opúsculos, vão ser reunidos em volume de "obras completas" pelo esforço de seus amigos e do Instituto Brasileiro de Filosofia. Nada de mais necessário, nada de mais útil. Até hoje, — e não me explico por que motivos — não haviam sido editados em volume. Paradoxalmente, nesse nosso país em que publicam não sei quantos livros por dia ou